



“Educação como prática de Liberdade”:
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9301 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT15 - Educação Especial

“MEU DEUS, O QUE EU VOU FAZER COM ESSA CRIANÇA?”: EXPERIÊNCIAS DE PROFESSORAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL SOBRE A INCLUSÃO ESCOLAR DE CRIANÇAS COM AUTISMO

Adélia Carneiro da Silva Rosado - UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

Kátia Patrício B. Campos - UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

“MEU DEUS, O QUE EU VOU FAZER COM ESSA CRIANÇA?”: EXPERIÊNCIAS DE PROFESSORAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL SOBRE A INCLUSÃO ESCOLAR DE CRIANÇAS COM AUTISMO

Resumo: A inclusão escolar de crianças com autismo em salas comuns vem ocorrendo com maior frequência, desde a década de 90, seguindo o mesmo padrão de outros públicos-alvo da educação especial, graças aos debates e reflexões dos movimentos internacionais e nacionais sobre o direito à educação inclusiva. Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é refletir sobre as experiências narradas por professoras da Educação Infantil sobre a inclusão escolar das crianças com autismo. Para tanto, assumimos como concepção teórico-metodológica a perspectiva sócio-histórica de Vigotski, que compreende o desenvolvimento humano como um processo complexo de inserção do sujeito na cultura através da mediação do outro mais experiente. Para a produção dos dados, realizamos entrevistas semiestruturadas com duas professoras da rede pública que atuam em salas regulares sem o apoio de professoras auxiliares, o que levou as mães das crianças com autismo a estarem cotidianamente na instituição. Para a análise das entrevistas, utilizamos a proposta de Aguiar e Ozella (2006), os “núcleos de significação”. Os resultados apontam que as docentes promovem estratégias que visam a construção de um espaço inclusivo na Educação Infantil, compreendendo que os pressupostos da inclusão não representam apenas o acesso das crianças com autismo à instituição, mas sua participação efetiva.

Palavras-chaves: autismo; inclusão escolar; Educação Infantil

Introdução

Este estudo apresenta um recorte dos achados da pesquisa de dissertação da autora principal e tem como objetivo trazer algumas reflexões sobre as experiências de professoras na inclusão escolar de sujeitos duplamente vulneráveis, primeiro por serem crianças, segundo por serem autistas. Segundo Victor, Machado e Rangel (2011, p.157) “a infância da pessoa deficiente morre mesmo antes de poder trazer seu caráter infantil”, isto é, o sujeito criança é invisibilizado pelo estigma da deficiência. A concepção hegemônica de deficiência ainda é

sustentada pelo modelo médico que compreende a deficiência como um “problema pessoal”, como carência, falta, anormalidade (DINIZ, 2012).

Assim, ser criança com autismo resulta em uma condição diferenciada de infância. Não se pode perder o olhar das peculiaridades e diferenças dessa criança no espaço da Educação Infantil. Para Capellini (2011, p. 136) “a construção da escola inclusiva é um projeto coletivo, que passa por uma reformulação do espaço escolar com um todo, desde espaço físico, dinâmica da sala de aula, passando por currículo, formas e critérios de avaliação”. Escutar o que dizem as professoras sobre a inclusão escolar de crianças com autismo ajuda a compreender que concepções circulam na instituição de Educação Infantil e a pensar como podemos colaborar.

A criança não é um ser biologicamente determinado, passivo, dependente exclusivamente do adulto, mas um sujeito interativo que contribui para a cultura porque cria, imagina, sente, constrói conhecimentos com base no vivido, nas suas experiências culturais, na sua relação com o Outro (VIGOTSKI, 2007).

Percurso metodológico

Nesta pesquisa (Pesquisa aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital Universitário Alcides Carneiro) para refletirmos sobre as experiências narradas pelas docentes acerca da inclusão de crianças com autismo na Educação Infantil optamos pela entrevista semiestruturada (entrevista realizada de modo remoto devido à necessidade de distanciamento imposto pela pandemia da COVID-19) como procedimento para compreender os significados que os sujeitos atribuem à realidade social que experimentam. (DUARTE, 2004). Foram entrevistas duas professoras da rede pública que atuam em salas regulares, no estado da Paraíba, sem o auxílio de profissionais de apoio. A falta de profissionais de apoio foi levada ao Ministério Público Estadual que sugeriu que as mães acompanhassem as crianças na instituição até a contratação de profissionais. O município alegou que não poderia contratar porque não estava no orçamento e, portanto, enfrentaria problemas com o Tribunal de Contas do Estado. Assim, as mães frequentaram a instituição durante todo o ano letivo.

Foi empregada para análise dos dados a técnica “núcleos de significação” uma perspectiva desenvolvida por Aguiar e Ozella (2006), que busca a apreensão dos sentidos e da subjetividade dos sujeitos da pesquisa. Destacamos que a utilização dos núcleos de significação como técnica de análise permite que sejam consideradas tanto as falas dos sujeitos como as condições sócio-históricas que o constituem. (AGUIAR; OZELLA, 2006).

Resultados e Discussão

Nesta seção refletiremos sobre dois núcleos de significação que emergiram no processo de análise das entrevistas, a saber: “Meu Deus, o que eu vou fazer com essa criança?”: construção de práticas inclusivas; “A gente chegou até a debater”: O lugar das mães na sala de referência.

“Meu Deus, o que eu vou fazer com essa criança?”: construção de práticas inclusivas

Um ponto central nas falas das professoras foram as mudanças que a inclusão das crianças com autismo trouxeram para a instituição e para os sujeitos. As professoras apresentam-se em condição de aprendentes, questionam as práticas, reinventam e exploram novos caminhos em busca da materialização da inclusão escolar das crianças com autismo. Todavia, sentimentos como medo e insegurança surgem nesse processo e geram sofrimento nessas profissionais. Para manter o sigilo sobre a identidade dos sujeitos optamos por nomes fictícios. Coral e Deb são nomes fictícios para as professoras. Ted e Bob nomes fictícios para as crianças com autismo. Dory e Darla nomes fictícios para as mães. Sobre os sentimentos com a chegada da criança com autismo no seu grupo a professora Coral revela que:

Quando disseram assim “Coral vai vim uma criança autista pra sua sala” a gente fica meio que atordoada porque a gente pensa assim... Meu Deus, o que eu vou fazer com essa criança?... até porque a gente não recebeu formação para trabalhar com elas... Mas eu fiquei meu Deus... mas a gente tem que encarar como um desafio... e Ted... veio assim... foi ((choro)) eu me sinto assim... isso foi muito gratificante...um desafio... porque no início a gente ficou ...meio perdida [...] (CORAL, ENTREVISTA, 24/08/2020).

A emoção expressa na fala revela que os desafios enfrentados no cotidiano reverberam nos sentimentos dos sujeitos que procuram estratégias para lidar com o desconhecido. A inclusão escolar de crianças com autismo é recente, o que provoca nas docentes emoções complexas, como frustração, angústia, medo, mas também, proporciona experiências surpreendentes que permitem que elas se abram para o novo, desconstruindo preconceitos. Para a construção de espaços não excludentes, é necessário repensar a estrutura física, metodológica e avaliativa da instituição, uma vez que, anteriormente, tudo foi pensado para acolher o sujeito dentro dos padrões estabelecidos pela normalidade. (VIGOTSKI, 2011).

Assim, o processo de inclusão exige o respeito às demandas da criança. Nesse sentido, Coral nos conta que a chegada de Ted:

[...] movimentou a diretora, a coordenadora, mexeram a escola toda a gente fazia reuniões com as mães pra perguntar pra elas como eles eram o que eles precisavam pra gente trabalhar de acordo com as necessidades deles neh? foi muito bom. (CORAL, ENTREVISTA, 24/08/2020).

Esse movimento em direção às necessidades do outro, compartilhamento de ideias, desconstrução de práticas excludentes cristalizadas que transformam as relações e a instituição em um ambiente inclusivo (OLIVEIRA, 2020). O que ocorre é que o sistema escolar recebeu as crianças com autismo depois de um acordo judicial, mas aceitar é diferente de acolher. Ou seja, as professoras não permitiram apenas o acesso das crianças às salas como resposta à demanda judicial, mas abriram as portas e iniciaram um processo de construção de novas práticas para proporcionar um ambiente mais inclusivo. A mobilização produziu um movimento que permitiu ações para concretização das metas. (CHARLOT, 2000).

“A gente chegou até a debater”: O lugar das mães na sala de referência

Esse estudo trouxe à tona uma situação específica bem interessante: a presença das mães na sala. A falta de profissionais de apoio foi levada pelas famílias ao Ministério Público Estadual, que sugeriu como alternativa mais célere que as mães acompanhassem os filhos na instituição educacional. A presença da mãe na sala é uma situação atípica que, de início, causou estranhamento e desconforto às professoras. Sobre essa questão, Coral nos fala que:

[...] a gente fica até assim... pra reclamar com uma criança com uma mãe na sala... a gente tinha que ver o que ia dizer... a maneira que ia reclamar... a gente tinha que estar se vigiando todo o tempo. (CORAL, ENTREVISTA, 24/08/2020).

As professoras tinham a impressão de estarem sendo vigiadas e avaliadas pelas mães, não só em relação às crianças com autismo, mas nas suas condutas com todas as crianças. De fato, é uma situação que gera constrangimento, todavia, independentemente da presença da mãe, estabelecer os limites às crianças de modo respeitoso é uma premissa fundamental nas relações sociais. A professora, ao “reclamar” com as crianças com ou sem a presença das mães, deve priorizar uma comunicação não-violenta, explicando as normas sociais de convivência, estabelecendo acordos, privilegiando a solução dos conflitos por meio do diálogo. O ambiente da Educação Infantil já exige das profissionais um esforço emocional e físico para lidar com as situações cotidianas e agregar a isso a responsabilidade de lidar com a figura materna no interior da sala é algo importante de ser considerado. Sabemos que o trabalho de aproximação das famílias, de compreensão da sua realidade, de construção de diálogos é importante, uma vez que, família e instituição são corresponsáveis pela educação dessas crianças (OLIVEIRA, 2020). Entretanto, reconhecer a importância de trabalhar na mesma direção da família, compartilhando os compromissos é diferente de estar diariamente com essa mãe no espaço da instituição. Deb fala sobre as dificuldades enfrentadas ao lidar com a mãe de Bob no espaço da instituição quando divergiam sobre a educação da criança:

[...] o que matava Bob era Dory porque não sei se é o costume da gente ou é o costume de mãe de proteger porque Dory queria limita muito o campo de aprendizagem de Bob.. como te falei no início... ela queria que Bob fizesse atividade repetidas de colagem e pintura só que Bob queria ir além. (DEB, ENTREVISTA, 24/08/2020).

A disputa entre mãe e professora girava entorno das decisões sobre o conteúdo e a metodologia mais adequados. A professora poderia considerar os conhecimentos da mãe sobre o processo educacional insuficientes. A mãe, por sua vez, poderia acreditar que a professora não estivesse querendo adaptar o conteúdo para seu filho. Mas, ao longo das falas, podemos perceber que o conflito parece que se concentrou mais na falta de abertura ao diálogo. Embora estivessem juntas na sala, mãe e professora demoraram para compreender o ponto de vista da outra. Percebemos, durante a análise das falas, que houve uma confusão de papéis, pois as mães queriam decidir os rumos pedagógicos da educação dos filhos no espaço da instituição. As frequentes disputas cessaram quando o diálogo intensificou-se, negociando os pontos de desacordo. As professoras explicaram porque tomavam algumas decisões, como, por exemplo, inserir outras atividades que não fossem apenas colagem e pintura, visto que a criança já tinha desenvolvido outras habilidades. Como o passar do tempo, esse clima de

cordialidade foi sendo mantido e as professoras e mães começaram a desenvolver uma parceria no espaço da instituição. As mães das crianças com autismo passaram a contribuir nas mais diversas atividades, auxiliando todas as crianças que precisavam, não apenas seus filhos. A relação entre mães e professoras transformou-se em uma parceria que demandou aprendizados e acordos entre todas.

Considerações finais

A escuta das docentes nos permitiu inferir que elas procuram ativamente criar estratégias para promoção de um espaço inclusivo na Educação Infantil, compreendendo que os pressupostos da inclusão não representam apenas o acesso das crianças com autismo à instituição, mas sua participação efetiva. Ainda, percebeu-se que a presença das mães na sala gerou desconforto e disputas por decisões, onde opiniões conflitavam-se, situação que gerou momentos de dissabor entre mães e professoras, que só foram amenizados após um processo de aproximação, escuta e flexibilização das partes.

As barreiras atitudinais e pedagógicas, nesse caso, estão sendo desconstruídas pelos sujeitos através da promoção de práticas não excludentes decorrentes do enfoque nas possibilidades, nas necessidades e nos interesses singulares de cada criança autista.

Referências

- AGUIAR, Wanda M. J.; OZELLA, Sergio. Núcleos de significação como instrumento para a apreensão da constituição dos sentidos. **Psicologia, Ciência e profissão**, v 26, n. 2, p. 222-245, 2006.
- CHARLOT, Bernard. Da relação com o saber: elementos para uma teoria. Trad. Bruno Magne. Porto Alegre: Artmed, 2000. DINIZ, Débora. **O que é deficiência**. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- DUARTE, Rosália. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educar**, Curitiba, n.24, p. 213-225, 2004.
- CAPELLINI, Vera Lucia Messias Fialho. Infância e inclusão escolar de crianças com necessidades educacionais especiais. In: VICTOR, Sonia Lopes; DRAGO, Rogério; CHICON, José Francisco (orgs.). **Educação Especial e Educação Inclusiva: conhecimentos, experiências e formação**. Araraquara, SP: Junqueira & Marin, 2011.
- OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. **Educação Infantil**. 8 ed. São Paulo: Cortez, 2020.
- VICTOR, Sonia Lopes; MACHADO, Lucylene M. da C. V.; RANGEL, Fabiana Alvarenga. A infância da criança com deficiência: uma revisão bibliográfica. In: VICTOR, Sonia Lopes; DRAGO, Rogério; CHICON, José Francisco (Orgs.). **Educação Especial e Educação Inclusiva: conhecimentos, experiências e formação**. Araraquara, SP: Junqueira & Marin, 2011.
- VIGOTSKI, Lev. **A formação social da mente**. Tradução: José Cipolla Neto; Luís Silveira Menna Barreto; Solange Castro Affeche. 7 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- VIGOTSKI, Lev. A defectologia e o estudo do desenvolvimento e da educação da criança anormal. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 4, p. 861-870, dez. 2011.